

VIDUAS LIBERI¹ NA NOITE BRAGANTINA

Daniel dos Santos Fernandes²
Karla Juliana da Silva Oliveira³

Sempre em busca de novos caminhos, novas perspectivas libertárias, percorreu-se a noite bragantina almejando lugares com grupos que tinham como característica, uma forte consciência crítica ao modelo das estruturas do sistema capitalista, ou de qualquer tipo de sociedade opressora, um lugar em que se sentiria literalmente *liberi*.

Bragança, localizada na região nordeste do Pará, a cerca de 210 quilômetros de Belém, capital do Estado, é um dos municípios mais procurados pelos turistas ao longo do ano. A cidade, de origem portuguesa, guarda na sua cultura características religiosas marcantes. Por estar localizada à margem esquerda do rio Caeté, Bragança é carinhosamente chamada de a 'Pérola do Caeté'. A manifestação cultural de forma mais completa é a celebração da Festividade do Glorioso São Benedito, com a Marujada. O que o cotidiano nega àquelas pessoas o tempo da festa proporciona.

E o cotidiano? O que fazer no dia-a-dia, em especial, na noite bragantina? Para saciar essas buscas, sugerem-se alguns lugares alternativos, em especial, um bar chamado "Viuva Negra". Exatamente assim, "Viuva" sem acento, o que gera uma dúvida, quanto à escrita e seus objetivos: tratava-se de erro ortográfico ou de uma escrita proposital, para que gerasse uma gama de significado? Local frequentado também por professores e estudantes universitários, daquela localidade, os quais não deixariam passar um acento agudo, por mais constrangedor que fosse fazer essa observação à dona do estabelecimento.

Ao adentrar o "Viuva" percebeu-se a característica de grupos e organizações vinculados a sociedade alternativa. Uma força de expressão social - ecológica, no planeta, via para a paz e o bem-estar da humanidade. Muitos desses grupos atuam dentro da própria sociedade com objetivo de transformá-la.

Eu não tenho receio de reconhecer que as comunidades alternativas são uma fuga. Mas são uma fuga no bom sentido da palavra. Quem não deseja fugir desta vida de tensão e correr para a paz necessária? Quem não deseja se livrar do veneno químico para se alimentar de forma natural? Quem não almeja se livrar da ditadura do relógio

¹ *Viduas Liberi*, viúva livre em Latim.

² Doutor em Ciências Sociais/Antropologia, Docente e Líder do Grupo de Pesquisa LELIM do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança/PA. E-mail: dasafe@msn.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança/PA. E-mail: karlaoliveirame2018@gmail.com

e passar a viver de acordo com os ciclos da natureza? É uma aspiração a fuga deste sistema de exploração do homem pelo homem para uma fraternidade entre irmãos (TAVARES 1956, p. 63).

Segundo Tavares (1956), as primeiras pessoas a usarem o termo “sociedade alternativa” foram o francês François Fourier e o inglês Robert Owen. Eles foram socialistas utópicos e usaram pela primeira vez o termo *sociedade alternativa* no princípio do século XIX. Fourier e Owen são considerados os pais do cooperativismo e foram fortes críticos do sistema capitalista de sua época. Acreditavam numa *sociedade alternativa* cooperativista autônoma e autossuficiente. Acreditavam que o cooperativismo asseguraria uma sociedade justa.

Fourier chamou essa sociedade de "falanges" (Comunidades). Owen se dedicara ao escrever e defender uma visão de cooperativismo negando as instituições como o Estado, família e religião. Acreditava que essas instituições limitavam a liberdade dos seres humanos. Fourier foi também o primeiro a reivindicar uma sociedade onde as mulheres deveriam ser emancipadas e teriam direitos iguais aos homens.

Viva a Sociedade Alternativa / Se eu quero e você quer / Tomar banho de chapéu
Ou discutir Carlos Gardel / Esperar Papai Noel / Faze o que tu queres / Pois é tudo
da lei / Todo homem e toda mulher / é uma estrele / Todo homem tem direito de
trepar na árvore / quando quiser e comer os frutos da terra / o numero 666 chama-se
Aleister Crowley / Viva o Novo Aeon / a 3ª raça da civilização do futuro.
("Sociedade alternativa". Raul Seixas/Paulo Coelho, 1974)

O Bar “Viuva Negra”, com características alternativas, tinha como dona do estabelecimento uma mulher chamada “Moema”. Ambiente que inspirava à liberdade de expressão, tanto quanto transpirava essa tal liberdade. Pode-se dizer que todos eram *Viduas Liberi* enquanto lá permaneciam. Enquanto se estava vivendo como uma “viuva livre” percebeu-se o quão rico era aquele lugar. Lugar com manifestações artísticas *sine qua non*⁴ para caracterizá-lo como um bar realmente alternativo. Pinturas e desenhos daqueles que ali frequentam, faziam parte da decoração do ambiente, e que, segundo a proprietária, são renovados a cada seis meses. Além disso, a música da banda local “Matutos” trazia melodias enaltecidas à “Pérola do Caeté”.

Embora cada ser humano pense de forma diferente, o local possibilitava a convivência sem conflitos e sem guerras e antagonismos. Assim, não obstante, os conflitos façam parte da sociedade alternativa, eles são transferidos do plano físico para o plano do diálogo, o que

⁴ *Sine qua non*- extremamente importante, essencial.

favorece o dialogismo entre sujeitos diferentes, mantendo o respeito e serenidade do lugar. A sociedade do movimento *Hippie*, presente no Viuva Negra, inspirava-se numa vida comunitária alternativa. Ao se organizarem em comunidades igualitárias, também defendem o amor livre e a igualdade entre os sexos.

Não menos que isso, o Viuva Negra, acolhia a qualquer um, independentemente de suas condições, sejam elas quais forem. Para estar no estabelecimento, precisava se abster de todo e qualquer preconceito. Em seus dois anos de existência, a tabacaria é o que de mais novo o Bar trazia aos seus frequentadores, a venda de mel e fumo feito com canela e outras especiarias dava ao lugar o aroma de “cravo e canela”. A noite Bragantina, de fato oferece uma diversão alternativa e autêntica, na qual se assume a liberdade de ser o que realmente é. Assume-se o ser viúva, *Viduas Liberi*.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CARVALHO, G. **A festa do “Santo Preto”: Tradição e percepção da marujada bragantina**. 166f. Dissertação (mestrado) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UNB – Brasília. 2010.

CARVALHO, W. **Raul o início, o meio e o fim**. Manaus: AMZ mídia industrial S.A. Fundação Paulo Coelho. Sociedade alternativa. Disponível em: <<http://paulocoelho.com/foundation/sociedade-alternativa.php>> Acesso em 10 de abril de 2018.

SEIXAS, R. **Sociedade alternativa**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48333/#mais-acessadas>>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

TAVARES, C. **O que são comunidades alternativas**. Coleção primeiros passos: 58 - São Paulo. Nova Cultural Brasiliense, 1956.

Recebido em 15.03.2019
Aprovado em 16.03.2019











